

## **A Circulação em Perspectiva Comunicacional: abordagens semi-discursivas, culturalistas e a circulação comunicacional do capital<sup>1</sup>**

Rafael GROHMANN<sup>2</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)

### **RESUMO**

O artigo mostra a perspectiva da circulação como um *locus* epistemológico de onde se olha a comunicação. A partir da teorização sobre como apreender a circulação em perspectiva comunicacional, o texto mostra abordagens semi-discursivas, culturalistas e a circulação comunicacional do capital como possibilidades para as teorias da comunicação. Na articulação entre “circulação de sentidos” e “circulação do capital”, apresentam-se potências teórico-metodológicas para o conceito no campo da comunicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** circulação; circulação de sentidos; circulação do capital; comunicação.

### **Introdução**

Interação, mídia, mediação, midiatização... os conceitos como óculos para entrever a comunicação são muitos e povoam os debates epistemológicos da área. A depender do *radical chic* da época, alguma palavra se sobressai em relação às outras. A noção de circulação é um operador central para pensar a comunicação, em seus aspectos teóricos e epistemológicos. Um conceito sobre o qual se fala, mas nem sempre se problematiza. Quais seriam algumas balizas ou dimensões para compreensão da circulação no âmbito da comunicação? Como apreender a circulação em uma visada comunicacional?

Em texto anterior (Lelo; Grohmann, 2014), discutimos algumas visões sobre a circulação<sup>3</sup>. Uma das questões é que nem sempre a circulação aparece em primeiro plano nessas pesquisas, sendo às vezes um cenário para pensar questões discursivas mais amplas ou a questão da midiatização. A circulação tem “sondado” o campo, mas sem um enfrentamento efetivo para o debate de teorias e epistemologias da comunicação. Como algo visível, tratado, mas não aprofundado, e muitas vezes naturalizado. A circulação

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Pesquisador do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho da ECA-USP. Doutor em Ciências da Comunicação pela USP. E-mail: rafael-ng@uol.com.br

<sup>3</sup> A saber: a semiolinguística de Charaudeau, pesquisas britânicas que, ora enfocam em questões institucionais, ora em perspectivas interacionais, e, por fim, os trabalhos dos brasileiros Fausto Neto e Braga.

---

circunda o campo, mas como coadjuvante de luxo. É, então, difícil apreender a circulação sem que seja uma metáfora: “tal assunto circulou na mídia”.

Defendemos aqui a perspectiva da circulação como um *locus* epistemológico de onde se olha a comunicação. Não se trata de repetir um modelo funcionalista linear de comunicação (Sodré, 2014), mas de compreendê-la em sua faceta circular – com deslocamentos, arestas, rupturas, continuidades e conflitos. Por isso, tratamos de entender a circulação mais como um olhar para a comunicação e seus processos do que como um conceito fechado e unívoco.

A questão da circulação pode ser compreendida a partir da circulação de pessoas, espaços (Harvey, 2018) e mercadorias (Marx, 2014), por exemplo. Isso nos interessa à medida em que revelam suas facetas comunicacionais. O que nos une no campo da comunicação é menos a definição de um objeto em comum, mas a busca por “perspectivas” comunicacionais (França, 2001). Isso porque a “ciência do comum” é uma ciência do encontro e da articulação – pontos de contatos que nos deixam entrever os processos comunicacionais. Essa perspectiva comunicacional, de onde falamos, é, pois, antes de tudo, um lugar de articulação de saberes. Com isso, não se trata de descartar, *a priori*, circulação de espaços ou mercadorias, mas de compreender suas dimensões comunicacionais, assim como outras possíveis dimensões da circulação.

Entendida em perspectiva não essencializante, a circulação a partir de um olhar comunicacional também nos mostra os seus limites. Nada (nem ninguém) circula indefinidamente, pois há materialidades, limites e contradições na vida social e comunicativa. Isso significa dizer que pensar a circulação também envolve a “não circulação”. Os debates sobre imigração, por exemplo, envolvem tanto a circulação quanto as tentativas de limitar a circulação de pessoas pelas cidades. Podemos pensar também a não circulação de mercadorias (greve de caminhoneiros, por exemplo), dados (a proibição de abertura e transparências de dados, por exemplo), discursos – midiáticos ou não – como interditos e silêncios.

Com isso, podemos dizer que há lutas por circulação nos processos comunicacionais. Embates e disputas pelos modos de circulação, como uma circulação tensa. Essa visão de “lutas por circulação” nos auxilia a não cair em uma visão de comunicação somente como consenso, mas de disputas de sentido perpassadas – e circuladas – nos processos comunicacionais.

Essas disputas em torno da circulação nos mostram que há espacialidades e temporalidades envolvidas na circulação e suas interdições. Isso quer dizer que existem espaços e lugares de circulação, desde salões de cabelereiros até *WhatsApp*, considerando a especificidade da circulação em cada lugar, tendo como exemplo as próprias plataformas digitais: a circulação que ocorre no *Instagram* é diferente da que acontece no *Youtube*. São circulações distintas marcadas também por lógicas algorítmicas. Já um livro pode circular por sebos, ônibus e salas de aula e, quando está em versão digital, em distintos dispositivos, tanto nas suas materialidades quanto nos sentidos produzidos por seu conteúdo. São marcas da circulação evidenciadas espacial e temporalmente. Uma *hashtag* circula de modos diferentes tanto nas distintas plataformas (*Twitter* e *Instagram*, por exemplo) quanto ao longo do tempo, desde horários e dias – com maior ou menor visualização e possibilidades de viralização – até sentidos distintos de uma *hashtag* de protesto, por exemplo, em anos diferentes, e o que elas significam no contexto macrossocial. São os contextos da circulação.

A partir do olhar delineado acima, falamos em “circulação comunicacional”. Isso significa dizer que não nos restringimos à “circulação midiática” nem à “circulação jornalística”. Um dos poucos autores brasileiros a enfatizar a dimensão comunicacional da circulação é Braga (2006), com seu “sistema de circulação interacional”. Para ele, “a rigor, não é ‘o produto’ que circula – mas encontra um sistema de circulação no qual se viabiliza e ao qual alimenta” (Braga, 2012, p. 41). Assim, há um sistema de circulação envolvendo as interações, em que a comunicação é “um fluxo incessante de ideias, informações, injunções e expectativas que circulam em formas e reconfigurações sucessivas (Braga, 2012, p. 46).

Podemos perceber que Braga traz para a questão da circulação uma dimensão comunicacional, mas a) a questão da circulação aparece mais com um pano de fundo para o autor discutir interação e mediação do que propriamente uma teorização acerca da circulação; b) em suas discussões, a comunicação acaba presa a um “microcosmo interacional”, sem uma relação ao macrossocial.

Quando falamos em “circulação comunicacional”, a ênfase (o que não significa nem determinação nem totalidade) recai sobre os “sentidos” – sejam eles discursivos, culturais ou do capital – circulados nos processos e relações de comunicação, mediados ou não. Essa circulação apresenta marcas, rastros e vestígios a partir de dimensões espaciais, temporais e seus contextos sociais, inclusive ideológicos. Os

contextos da circulação ajudam a desenhar lutas e embates em torno da circulação comunicacional, entre circulação e não circulação (impedimentos e interditos). São lutas por sentidos em circulação – produzidos, consumidos, ressemantizados e cristalizados.

Podemos perceber, em linhas gerais, três dimensões ou abordagens para apreender a circulação em uma perspectiva comunicacional: semiodiscursivas, culturalistas e a que aqui chamamos de “circulação comunicacional do capital” – articulando a comunicação como produção de sentido à dimensão do modo de produção capitalista, com auxílio da economia política da comunicação, sem, no entanto, reduzir a comunicação a essas abordagens. Dentre essas três visadas, a última tem sido um ponto cego nos estudos de comunicação.

Essas dimensões devem ser entendidas como eixos que se complementam, não como entes isolados. A articulação entre essas perspectivas tem por objetivo procurar apreender a circulação em uma chave dialética no posicionamento dos objetos empíricos, sem perder nem a especificidade do micro – cotidiano, interacional – nem o contexto macrossocial dos sujeitos sociais.

### **A Circulação em Dimensão Semiodiscursiva**

Uma das maneiras possíveis de apreender, de uma perspectiva comunicacional, a circulação é a partir de uma dimensão que aqui denominamos como “semiodiscursiva”, isto é, que pode envolver abordagens semiológicas, semióticas, linguísticas e discursivas. No âmbito da análise de discurso desenvolvida na França, Pêcheux (1981) deixa entrever a importância da circulação discursiva: “não é hora de descartar essa imagem duplamente complacente da circulação, observando o fato de que as circulações discursivas nunca são aleatórias, porque ‘qualquer coisa’ nunca é ‘qualquer coisa?’” (Pêcheux, 1981, p. 18). Isto é, os discursos circulam de alguns modos e não de outros, a depender, por exemplo, de suas materialidades discursivas.

Na obra de Foucault (1996; 2009), o termo “circulação” aparece com frequência, mas de forma não sistemática – isto é, não como conceito trabalhado metodologicamente – e apresenta os seguintes sentidos: a) circulação dos efeitos de poder; b) circulação e funcionamento dos enunciados (ou a circulação de discursos que funcionam como ‘verdade’); c) o controle/fechamento da circulação dos discursos. A circulação, pois, aparece como uma noção coadjuvante, como afirmamos acima, como um apoio – quase invisível – à concepção discursiva foucaultiana. As condições de produção dos discursos

---

deixam entrever seus modos de circulação e o controle/fechamento discursivo dessa circulação.

A noção, contudo, não ganhou centralidade na análise do discurso, principalmente nas últimas décadas. Como um exemplo, no “Dicionário de análise do discurso”, organizado por Charaudeau e Maingueneau (2004), não há nenhum verbete que se remeta à questão da circulação. Além disso, em Charaudeau (2006), há a definição de “discurso circulante”, mas que diz mais sobre discurso do que efetivamente sobre circulação, sendo um elemento menor em um aparato conceitual que privilegia a questão do contrato de comunicação.

Atualmente, no cenário francófono, Rosier (2003) tem sido a autora a trabalhar de forma mais sistemática a noção de “circulação discursiva” a partir de uma perspectiva pecheutiana. Segundo ela, tratar de circulação significa mostrar como as palavras viajam, sua origem enunciativa e suas condições de “transmissão” (Rosier, 2003). A autora diferencia a noção de circulação de interdiscursividade ou dialogismo, mas inscreve sua acepção a partir de suas materialidades discursivas, considerando que os discursos se movem temporal e espacialmente a partir de suportes materiais (Paveau; Rosier, 2010).

Neste sentido, Rosier (2003) considera que o estudo da circulação “supõe a multiplicação da relação entre os espaços enunciativos: para ser um discurso em circulação, ele deve ter sido objeto de várias transmissões” (Rosier, 2003, p. 51). Isso significa pesquisar a origem e os modos e métodos de disseminação dos discursos. A autora, então, concebe a fofoca como um exemplo típico da circulação discursiva: “sob o disfarce de um segredo aberto, ela só existe (re)colocada em circulação” (Rosier, 2003, p. 51).

Em Rosier et al. (2009), há a proposição de uma agenda para a questão da circulação dos discursos, no sentido de pesquisar: a) formas e modalidades da propagação dos discursos, incluindo os locais de difusão; b) posições ideológicas e lugares de enunciação; c) como ocorre a legitimidade e a autoridade dos discursos circulantes; d) apagamentos e remarcações enunciativas a partir das condições de circulação – isto é, modos de apagar ou reforçar discursos em sua circulação. Também faz parte desta agenda compreender as circunstâncias sociais e históricas da circulação discursiva, a cena discursiva e os seus dispositivos comunicacionais.

Ou seja, há uma proposta metodológica em Rosier et al. (2009) no sentido de como mapear a circulação dos discursos e seus contextos: a) onde circula, envolvendo suas

---

próprias materialidades – plataformas, materiais impressos – e incluindo os gêneros discursivos; b) o que circula, quais valores são produzidos e circulados, envolvendo as posições ideológicas e os lugares de enunciação; c) quais as relações de poder envolvidas na circulação; d) o que há de silenciamentos, interditos e reforços, enquanto regimes de visibilidade da circulação discursiva. Os discursos – como lugar de materialização e sedimentação dos sentidos – dão-se a ver na circulação.

Outra proposição semiodiscursiva sobre a circulação é a de Eliseo Verón, explicitada principalmente na obra *Semiotique Ouverte*, escrito em co-autoria com Jean-Jacques Boutaud (2007), onde falam acerca da “circulação dos discursos no seio das sociedades” (Verón; Boutaud, 2007, p. 18). O argumento central está na crítica do modelo funcionalista e linear de comunicação, buscando teorizar acerca da circulação discursiva a partir das relações entre gramáticas de produção e gramáticas de reconhecimento, que envolvem uma pluralidade de lógicas, sendo a circulação uma das fontes da complexidade social. Conforme o autor, em obra anterior, “circulação é o nome de um conjunto de mecanismos que formam parte do sistema produtivo, que definem as relações entre gramáticas de produção e gramáticas de reconhecimento para um discurso ou tipos de discursos dados” (Verón, 1996, p. 20). A circulação em Verón, desta forma, é encarada a partir dos deslocamentos e impermanências.

No Brasil, Fausto Neto (2010) segue os passos de Verón, considerando o trabalho de circulação como o lugar onde produtores e receptores se articulam em novas condições, considerando os deslocamentos e assimetrias que se dão nesse processo. Fausto Neto propõe abordar tanto as bordas ou vestígios da circulação quanto a circulação além de suas bordas. Trata-se, em sua visão, de analisar novas formas de organização de circulação dos discursos, passando da noção de “intervalo” para “pontos de contato”. A complexificação dessa ideia de circulação, na visão do autor, está “condicionada a uma ação tecnodiscursiva desferida pela instância produtiva” (Fausto Neto, 2010, p. 7), isto é, se relaciona às mudanças nos regimes sociotécnicos.

A partir dos deslocamentos e assimetrias provocadas pela circulação em contextos de mediatização, há lutas por controles de sentido. Isto é, os grandes meios perdem o controle das narrativas e dos sentidos dos acontecimentos. O reconhecimento das assimetrias e das disputas pelo controle dos feixes de sentido são centrais para o trabalho de circulação.

---

Para avançar, poderíamos perguntar: o que significam esses deslocamentos? Quais outras “lutas por circulação” ocorrem na circulação discursiva nas distintas plataformas midiáticas – não só de empresas midiáticas tradicionais? Como esses feixes de sentido atualmente passam também por controle algorítmico das plataformas digitais? Trata-se de uma complexificação não somente de uma “sociedade em vias de midiatização”, mas da “dataficação” (Couldry; Hepp, 2016) dos processos comunicacionais – e que tem implicações severas para o desenho da circulação.

Há outros circuitos onde o trabalho de circulação acontece que não engendradas por processos midiáticos tradicionais. Só é possível compreender, por exemplo, a circulação de mensagens no *WhatsApp* se considerarmos os tensionamentos desses lugares de enunciação. Por quais lugares e materialidades ocorrem a circulação comunicacional e como ela se dá em contextos de plataformas digitais? Como a complexidade dessa circulação nos auxilia a compreender rastros de processos comunicacionais na sociedade brasileira?

Enfim, o que tanto a perspectiva mais alinhada à Pêcheux quanto à visão de Verón/Fausto Neto tem em comum é a constatação de que a circulação dos discursos não acontece no vazio. Os modos e contextos de circulação – envolvendo desde as materialidades discursivas até questões ideológicas – com seus regimes de visibilidade deixam entrever tanto os distintos feixes de sentido em determinadas situações comunicacionais quanto as lutas por circulação – por controle dos sentidos. A perspectiva de Verón e Fausto Neto, por outro lado, avançam ao pensar a circulação de sentidos em contexto de midiatização.

São signos que circulam com determinados acentos e valores e não outros: em certa medida, uma arena para as lutas de classes, conforme preconizava Volochinov (2017), lutas essas inscritas nos processos comunicacionais. Deslocamentos, embates, rupturas, tensões, conflitos, reatualizações, reconhecimento de legitimidades e autoridade: algo marcado sempre por mudanças e permanências. Um lugar de onde se possa compreender as relações de poder marcadas nos processos comunicacionais: a circulação como lugar de embates. Embates situados no movimento histórico, que não se encontram no “início” ou no “fim”, mas em movimento, como um “dando-se” (Baccega, 1995), um gancho que pegamos no “meio do caminho” – um modo de apreender metodologicamente um objeto empírico – mas que está envolto por fios de sentido, como velos e redes tecidos nos processos comunicacionais.

---

## A Circulação nos Estudos Culturais

A questão da circulação de sentidos também aparece em uma abordagem culturalista. Para Lee e LiPuma (2002), mais do que movimentos de pessoas, mercadorias ou ideias, deve-se pensar em “culturas de circulação”, o que também envolve a circulação de valor no capitalismo e os modos de circulação fora dos processos capitalistas, como a circulação do comum. Isso significa dizer que a circulação, em sua perspectiva comunicacional, também depende dessas culturas de circulação, ou seja, maneiras de produzir e consumir ideias, mercadorias e espaços, inclusive com determinados rituais, não somente midiáticos ou de consumo, mas de circulação, isto é, fazer circular determinadas formas culturais, produzindo e/ou modificando vínculos de sentido entre sujeitos e instituições.

Na história da pesquisa em comunicação, em uma abordagem a partir dos estudos culturais, há destaque para o “circuito de cultura” e uma perspectiva integrada produção-consumo para compreensão da circulação, por exemplo, Johnson (1999), Hall (2003) e DuGay, Hall et al. (1997), traçando paralelos entre circuito do capital e circuito de cultura: “o circuito é, a um só tempo, um circuito de capital (e sua reprodução ampliada) e um circuito de produção e circulação de formas subjetivas” (Johnson, 1999, p. 35). Essa perspectiva integrada coloca produção, circulação e consumo como parte do mesmo processo, mas com momentos diferentes e lógicas distintas, mas interligadas – à semelhança de Marx (2011) nos *Grundrisse*. Falar de circulação comunicacional a partir da cultura, portanto, é considerar essas dimensões como parte de processos homólogos e parte da vida concreta dos sujeitos.

Hall (2003) apresenta um maior desenvolvimento teórico do circuito da cultura, também partindo da totalidade do circuito produção-consumo, isto é, o “entendimento do circuito do capital como uma articulação dos momentos de produção com os momentos do consumo, com os momentos de realização, com os momentos de reprodução” (Hall, 2003, p. 356). O circuito do capital e o circuito da cultura devem ser vistos, nesta direção, como “articulações”, onde a circulação de sentidos se faz e refaz. É nesse circuito de sentidos onde os significados podem ser estabelecidos e contestados, sedimentados e ressignificados, com tentativas de controle dos modos de significar o mundo – o que aqui chamamos de “lutas por circulação”.

No famoso texto “Codificação/Decodificação”, o que Hall (2003) enfatiza é que esses dois “momentos” são estruturas de sentido, da mesma forma que circulação e



recepção são “momentos” do processo produtivo. A ideia de “momento”, já presente em Marx (2011), sinaliza o desenho de um movimento, de como os sentidos se movem. Os sentidos sobre o que é ser pobre, rico, normal, migrante ou saudável, por exemplo, circulam entre os distintos momentos, com atualizações, fixações e tensões, com duplo deslocamento entre produção e consumo. Não como algo fechado ou contínuo, mas em permanentes articulações, desarticulações, rearticulações e ruídos, pois não existe processo comunicacional transparente.

Os processos de produção e consumo, sejam eles midiáticos, midiaticizados, digitais..., então, se atualizam na circulação a partir da apreensão dos sentidos. Conforme DuGay, Hall et ali (1997, p. 10), “os sentidos nos ajudam a interpretar o mundo [...], ‘dar sentido’ às coisas, incluindo aquelas que nunca vimos ou experienciamos na vida real, mas que ocorre em filmes e romances, sonhos e fantasias”. Assim, trata-se de pensar como os sentidos são construídos por meio de práticas culturais e podem ser compartilhados, isto é, circulados em variados processos e práticas. Algumas perguntas levantadas por DuGay, Hall et ali (1997) vão na mesma direção de nosso argumento: “quais outros contra sentidos estão circulando? Quais sentidos são contestados? Como a luta entre diferentes conjuntos de significados reflete o jogo de poder e resistência ao poder na sociedade?” (DuGay, Hall et ali, 1997, p. 12).

Desde a década de 1990, houve atualizações e apropriações do circuito de cultura, como o circuito/a circulação dos protestos em Cammaerts (2018) e o circuito de trabalho em Qiu, Gregg e Crawford (2014). O circuito de cultura, a nosso ver, deve ser entendido menos como um protocolo metodológico, como se fosse uma apropriação funcional-estruturalista para operacionalização do circuito, do que um lugar também de articulação teórico-epistemológica, envolvendo o diálogo entre diferentes pontos de vista, como economia política, estudos culturais e estudos da linguagem. Isto é, um complexo que serve tanto para pensar a circulação da cultura e da comunicação nas pesquisas empíricas quanto para problematizar a própria circulação de saberes e, portanto, de métodos (Savage, 2013), além da circulação de dados na cultura (Beer, 2016).

Outros pesquisadores britânicos, como Silverstone (2002) e Couldry (2000) vão além de um circuito definido previamente e enfatizam mais a circulação de sentidos. Silverstone (2002), por exemplo, compreende os processos comunicacionais como circulação de símbolos e significados, que são, a um só tempo, sociais e discursivos. Couldry (2000) chega a elaborar uma agenda de pesquisa para essa circulação de sentidos,

---

envolvendo: “a) até que ponto os significados e associações são produzidos; b) quais textos são produzidos e como eles circulam; c) as várias maneiras pelas quais as pessoas usam ou negociam os vastos recursos textuais ao seu redor” (Couldry, 2000, p. 83).

Então, na circulação, podemos observar como alguns sentidos são criados, fixados, reapropriados, desconstruídos ou ressignificados, revelando disputas e distinções no processo, como a circulação de lutas por sentido. Mas há barreiras de acesso a determinadas “arestas” da circulação, ou a determinados sentidos circulantes, já que não se trata de algo linear ou estanque, mas de algo incompleto, formado por articulações e tensões.

O não acesso a esses sentidos podem ter diversas razões, tais como, mas sem a pretensão de esgotamento: a) marcadores estruturais como classe social, raça, gênero, sexualidade e geração, além dos posicionamentos ideológicos, considerando que somos marcados por essas identidades de maneira interseccional e não linear; b) de maneira específica, marcadores relacionados a território, tais como país, estado, cidade e bairro; c) também de modo específico, marcadores dos distintos tipos de capital (o que, em alguma medida, pode também estar inserido na questão das classes sociais) – culturais, sociais, políticos, econômicos, midiáticos... – envolvendo composição, distribuição e volume (Bourdieu, 2007); d) marcadores situacionais, não independentes dos outros fatores, mas que são complementares para entender os motivos de uma pessoa preferir ver uma série de drama ou comédia no Netflix, por exemplo; e) referente às práticas midiáticas, as possibilidades e limitações (ou as tais *affordances*) das plataformas digitais, em que a circulação de sentidos tem também uma dimensão algorítmica.

As práticas comunicacionais – seja um *post* no Facebook, uma conversa no bar ou o ato de ouvir uma música – nunca são ensimesmadas, no sentido de sempre se relacionar a outros processos envolvidos nas relações de poder da sociedade, que, por sua vez, estão inscritas nos processos comunicacionais. Não é possível, como podemos notar pelos marcadores enumerados acima, pensar em circulação comunicacional que não envolva, em certa medida, pensar em como as pessoas e mercadorias circulam, inclusive temporal e espacialmente. Trata-se de uma preponderância dos seres sociais e suas vidas cotidianas, práticas, materiais e concretas.

Livingstone (2018) afirma que a circulação de sentidos não deve ser compreendida “como a celebração do individualismo, mas do reconhecimento dos processos estruturalmente desiguais, embora semioticamente abertos, da circulação da

cultura” (Livingstone, 2018, p. 5). Para uma abordagem que envolva a circulação de sentidos, não se trata de pensar metrificações, número de visualizações, índice verificador de comunicação (IVC), mas de compreender, muitas vezes, os “rastros” e “arestas” da circulação, a partir do contexto dos sujeitos sociais.

### **Circulação Comunicacional do Capital**

Além das perspectivas semiodiscursivas e culturalistas, há outra possibilidade teórico-epistemológica da circulação na pesquisa em comunicação, mas que se apresenta como um ponto cego: a circulação comunicacional do capital. Os “sentidos” em circulação continuam a ter um papel relevante nesta dimensão, pois o próprio capital produz e sedimenta sentidos sobre o que deve ser a vida em sociedade, atualmente a partir de uma governamentalidade neoliberal (Dardot; Laval, 2016), produzindo e fazendo circular sujeitos neoliberais. Há, então uma faceta discursivo-narrativa na circulação comunicacional do capital, além das materialidades do trabalho e a circulação da comunicação como mercadoria.

Para Marx (2011), os meios de transporte e comunicação são essenciais para a circulação do capital, “no duplo de sentido de que determina tanto o círculo daqueles que trocam entre si, dos que entram em contato, como a velocidade com que a matéria-prima chega aos produtores e o produto, aos consumidores” (Marx, 2011, p. 134). É a partir do transporte e da comunicação que as mercadorias chegam aos sujeitos nos diferentes lugares, e se colocam como essenciais para “a concretização da produção material e da efetivação do mais-valor” (Antunes, 2018, p. 43).

Por quantos meios de transportes e seus trabalhadores passaram, por exemplo, os tomates desde sair da plantação até chegar em sua casa por meio de um entregador do aplicativo de *delivery* do supermercado? Sem a infraestrutura material, envolvendo força de trabalho e transportes, não há como pensar nas plataformas digitais, no modo de produção do capitalismo na própria comunicação. Isso demonstra mostra que a metáfora da nuvem (Mosco, 2014) é somente uma pequena fração da produção e circulação do capital, e não atua no vácuo, mas está envolvida nas materialidades do trabalho (Murdock, 2018). A própria circulação de sentidos, em termos semióticos, discursivos ou culturais, não pode se efetivar sem essas materialidades.

Já os meios de comunicação, por um lado, auxiliam na organização do transporte de mercadorias e de sua própria circulação. Marx (2013) nos lembra que a natureza das

necessidades das mercadorias provém do estômago ou da imaginação. O papel da comunicação, enquanto parte do capital fixo constante (Fuchs, 2015), na organização da circulação de mercadorias, pois, também pode prover tanto do estômago quanto da imaginação ou fantasia. Assim, a comunicação age como organizadora dos modos de ser e narrar do capital, inclusive impondo modos e sentidos de circulação das mercadorias e do próprio capital.

No entrecruzamento do papel dos meios de transporte e comunicação na circulação das mercadorias, há pertinência para pensar o atual “capitalismo de plataforma” (Srnicsek, 2017) e a plataformização da sociedade (Van Dijck; Poell; de Waal, 2018), incluindo o mundo do trabalho. Aplicativos como *Uber*, *iFood* e *Rappi* funcionam a partir de plataformas digitais – tecnologias de comunicação – de onde extraem valor e reputação para as marcas, e com todo um circuito de meios de transporte, com trabalhadores atravessando as cidades, entregando mercadorias e transportando passageiros. Desta forma, há uma circulação comunicacional do trabalho nas plataformas digitais, onde podemos dizer que o “trabalho de plataforma” (Van Doorn, 2017) é um trabalho de circulação. A plataformização do trabalho, desta forma, só é possível a partir da circulação.

A comunicação, ainda, contribui para a aceleração da circulação do capital, diminuindo o tempo de rotação, reduzindo o tempo morto e acelerando tanto a produção quanto o consumo. Conforme lembra Harvey (2018), há um estímulo para uma constante espiral de aceleração do capital. Isto é, há uma aceleração em todo o circuito do capital que só é possível com o papel da comunicação.

Essa circulação comunicacional do capital também apresenta seus próprios meios e processos de produção. Isso significa dizer que os meios de comunicação não só comunicam, mas também são meios de produção (Williams, 2011). Desta forma, uma plataforma não serve somente para se comunicar, mas é também um meio de produção. O *Skype* pode servir tanto para conversar com um familiar distante quanto para realizar reuniões e fazer cursos de idiomas com professor particular. Aplicativos de envio instantâneo de mensagens, como *WhatsApp* e *Telegram*, auxiliam tanto na troca de memes quanto na produção de material jornalístico.

As tecnologias são, ao mesmo tempo, de comunicação, produção e circulação. O seu potencial comunicativo é fartamente explorado na pesquisa em comunicação, mas há uma relativa ausência de sua imbricação com as dimensões da produção e da circulação,

---

ao menos a partir do olhar aqui proposto. Não há como descolar a tecnologia do trabalho humano (Vieira Pinto, 2005). Só há valor, em sentido marxiano, nas tecnologias enquanto mercadorias, por causa da materialização (ou objetivação) do trabalho humano abstrato em sua produção. As tecnologias de circulação – assim como os próprios meios de comunicação, incluindo mídias digitais – auxiliam a “encurtar o tempo de circulação do capital na produção e no mercado” (Harvey, 2018, p. 99), ou seja, tem como função auxiliar a aceleração da própria circulação do capital, auxiliando, inclusive, na disseminação de dados. Isto é, há extração de riqueza principalmente na fase de distribuição. Uma questão que se coloca, então, é: como se produz valor a partir da circulação dos produtos culturais/midiáticos enquanto mercadorias por meio de plataformas digitais?

Para isso, é preciso pensar interrelações entre financeirização, midiaticização e dataficação assim como a circulação da própria linguagem. Fazem parte de dimensões discursivo-narrativas dessas tecnologias de circulação as perspectivas fetichizadas sobre inovações tecnológicas, atualmente expressas pela ideologia do Vale do Silício (Schradie, 2017) e o mito da *gig economy* (Scholz, 2017), assim como a cultura de *startups*.

As noções de espaço e tempo também são primordiais para compreensão das tecnologias da circulação. Do ponto de vista do modo de produção capitalista, o intuito é de uma compressão espaçotemporal cada vez maior, com o capital ditando e redefinindo seus próprios tempos e espaços. As percepções de aceleração da vida cotidiana, em alguma medida, se relacionam com o espraiamento da lógica capitalista a todos os domínios da vida (Brown, 2016). Os movimentos de circulação do capital, com destaque para a incessante aceleração, não se circunscrevem a uma ação somente econômica, mas são justificados e incorporados em todas as dimensões da vida, com um papel preponderante da comunicação. São os sentidos do capital em circulação e afetam, inclusive, as dimensões semiodiscursiva e culturalista.

A circulação desenfreada de conteúdos midiáticos e digitais (e também de dados), inclusive, é parte do que Jodi Dean (2008) chama de “capitalismo comunicativo” – não em uma acepção habermasiana, mas no sentido de que há uma política de circulação em detrimento dos próprios sentidos. Não consideramos que esses signos são destituídos de sentido, mas, ao contrário, que a própria circulação é o sentido que ajuda a mobilizar todos os outros, ou ainda, sem circulação incessante não há como produzir sentidos no “capitalismo comunicativo”.

A circulação comunicacional do capital, pois, está envolvida na circulação de sentidos e na própria circulação de mercadorias, acelerando os fluxos do capital e da sociedade como um todo, modificando relações espaçotemporais. Ela apresenta uma faceta material, enquanto processo e meio de produção, envolvendo os circuitos e materialidades do trabalho, e também uma faceta discursivo-narrativa, com signos circulantes ou gramática circulante do capital. Além disso, há lutas por sentido e lutas por circulação: que modos outros há de fazer circular a vida em sociedade? Como modificar chaves de sentido em um domínio quase completo da racionalidade neoliberal?

A circulação das lutas no âmbito da circulação comunicacional do capital envolve ainda as tentativas da circulação do comum (De Peuter; Dyer-Witheford, 2010; Dardot; Laval, 2017) de brechas ou fissuras no modo de produção capitalista, enquanto circuitos de acumulação e resistência. Lutas em torno da circulação do capital que podem trazer tanto constrangimentos quanto brechas para ações em busca de outros mundos possíveis ou “utopias reais” (Wright, 2010). São disputas e lutas, também, por sentidos.

Esses embates e disputas mostram que, longe de uma visão dualista sobre a circulação comunicacional, como se fosse dividida entre circulação de sentidos e circulação do capital, o que há é uma imbricação e articulação dessas dimensões, pois a circulação de sentidos em um mundo capitalista está, em menor ou maior grau, envolvido com as suas questões, mesmo que seja para lutar por outras circulações. Enfim, a circulação discursiva, a circulação da cultura e a circulação do capital se encontram – em dimensões distintas – nos processos comunicacionais. Um dos desafios, a partir disso, é a apreensão metodológica dessas diferentes articulações da circulação comunicacional, entre produção de sentidos e financeirização da comunicação.

## Referências

- ANTUNES, Ricardo. **O Privilégio da Servidão**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e Discurso**. São Paulo: Ática, 1995.
- BEER, David. **Metric Power**. London: Palgrave, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**. Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**. São Paulo: Paulus, 2006.
- \_\_\_\_\_. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Angela; JACKS, Nilda; JANOTTI Jr, Jeder. **Mediação & Mdiatização**. Salvador: UFBA, 2012, p. 31-52.
- BROWN, Wendy. **El Pueblo Sin Atributos**. Barcelona: Malpaso, 2016.
- CAMMAERTS, Bart. **The Circulation of Anti-Austerity Protest**. London: Palgrave, 2018.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHAURAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- COULDRY, Nick. **Inside Culture**. London: Sage, 2000.
- COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **The Mediated Construction of Reality**. London: Polity Press, 2017.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **Comum**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- DEAN, Jodi. Communicative Capitalism: circulation and the foreclosure of politics. In: BOLER, Megan (org.). **Digital Media and Democracy**. London: MIT Press, 2008, p. 101-122
- DE PEUTER, Greig; DYER-WITHEFORD, Nick. Commons and Cooperatives. **Affinities: A Journal of Radical Theory, Culture, and Action**. V. 4, N. 1, 2010, p. 30-56.
- DU GAY, Paul; HALL, Stuart et al. **Doing Cultural Studies: the story of the Sony Walkman**. London: The Open University/ Sage, 1997.
- FAUSTO NETO, Antonio. A circulação além das bordas. In: FAUSTO NETO, Antonio; VALDETTARO, Sandra.. (org.). **Mediatización, sociedad y sentido**. Rosário: Departamento de Ciencias de la Comunicación - UNR, 2010, v. 1, p. 2-17.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FRANÇA, Vera. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê? **Ciberlegenda**. N. 5, 2001.
- FUCHS, Christian. **Reading Marx in the Information Age**. New York: Routledge, 2015.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HARVEY, David. **A Loucura da Razão Econômica**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- JOHNSON, Richard. O que é, afinal, estudos culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- LEE, Benjamin; LI-PUMA, Edward. Cultures of Circulation: the imaginations of modernity. **Public Culture**. V. 14, n. 1, 2002.
- LELO, Thales; GROHMANN, Rafael. A diversidade do conceito de circulação nos estudos em comunicação. **ECCOM**. V. 5, n. 9, 2014.
- LIVINGSTONE, S. Audiences in a Age of Datafication: critical questions for media research. **Television & New Media**. 2018.
- MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- \_\_\_\_\_. **O Capital: Livro I**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- \_\_\_\_\_. **O Capital: Livro II**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- MOSCO, Vincent. **To The Cloud**. London: Routledge, 2014.
- MURDOCK, Graham. Media Materialities: for a moral economy of machines. **Journal of Communication**. V. 68, n. 2, 2018.
- PAVEAU, Marie Anne; ROSIER, Laurence. Le discours des objets: pratiques et techniques de circulation. **Cédille**. 2010, p. 178-196.
- PÊCHEUX, Michel. Ouverture du colloque. In: CONEIN, Bernard. et al. **Matérialités Discursives**. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981.
- QIU, Jack; GREGG, Melisa; CRAWFORD, Kate. Circuits of Labour: a labour theory of the iPhone era. **TripleC**. V. 12, N. 2, 2014.
- ROSIER, Laurence. Du discours rapport à la circulation des discours: l'exemple des dictionnaires de 'critique ironique'. **Estudios de Lengua y Literatura francesas**. V. 14, 2003
- ROSIER, Laurence et ali. **La Circulation des Discours**. Québec: Éditions Nota Bene, 2009.
- SAVAGE, M. The 'Social Life of Methods': a critical introduction. **Theory, Culture & Society**. V. 30, n. 4, p. 3-21, 2013.
- SCHOLZ, Trebor. **Cooperativismo de Plataforma**. São Paulo: Rosa Luxemburgo, 2017.
- SCHRADIE, Jen. Ideologia do Vale do Silício e Desigualdades de Classe. **Parágrafo**. V. 5, 2017.
- SILVERSTONE, Roger. Complicity and collusion in the mediation of everyday life. **New Literary History**. V. 33, n. 5, 2002.
- SODRÉ, Muniz. **A Ciência do Comum**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- SRNICEK, Nick. **Platform Capitalism**. London: Polity, 2017.
- VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The Platform Society**. New York: Oxford, 2018.
- VAN DOORN, Niels. Platform Labor: on the gendered and racialized exploitation of low-income service work in the 'on-demand' economy. **Information, Communication & Society**. 2017.
- VERÓN, Eliseo. **La Semiose Social**. Barcelona: Gedisa, 1996.
- VERÓN, Eliseo; BOUTAUD, J. **La semiotique Ouverte**. Paris: Hermes Sciences, 2007.
- VIEIRA PINTO, Álvaro. **O Conceito de Tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- VOLOCHINOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Ed. 34, 2017.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Unesp, 2011.
- WRIGHT, Erik Olin. **Envisioning Real Utopias**. New York: Penso, 2010.